



Artigo Original

ADESÃO DE UNIVERSITÁRIOS AO USO DOS PRESERVATIVOS

UNIVERSITY ADHERENCE TO USE OF CONDOMS

Resumo

Ninalva de Andrade Santos¹
Lyra Cândida Calhau Rebouças¹
Rita Narriman Oliveira Boery¹
Eduardo Nagib Boery¹
Saulo Santos da Silva¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Jequié – BA – Brasil

E-mail
ninalvasantos@yahoo.com.br

A pandemia da Aids emergiu como uma doença grave, sinônimo de morte programada, predominante entre pessoas pertencentes aos denominados “grupo de risco”, a exemplo dos homossexuais masculinos e usuários de drogas injetáveis. No decorrer dos anos, o perfil dos infectados passou por importante transição epidemiológica, caracterizada pela interiorização, juvenização, pauperização, heterossexualidade, feminização e enegrecimento. Essa nova vertente levou a compreensão da incorporação do termo comportamento de risco que, recentemente, foi substituído pelo conceito de vulnerabilidade já que este incorpora dimensões culturais, sociais, econômicas e programáticas, dentre outras. Considerando a relevante morbimortalidade decorrente da infecção, sua prevenção e controle constituem destaque no âmbito da saúde coletiva. Neste contexto, temos o uso do preservativo em todas as relações sexuais, como estratégia fundamental para contenção da propagação das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em geral. Foram objetivos do estudo: verificar a adesão de universitários ao uso do preservativo; comparar se há diferença entre a adesão ao uso dos preservativos entre universitários matriculados no curso de enfermagem do I ao IV semestres e os discentes do V ao VII semestres; identificar fatores que facilitam e/ou dificultam a adesão dos universitários ao uso dos preservativos. A pesquisa, de caráter exploratório e natureza qualitativa, se fundamentou nos princípios da Teoria das Representações Sociais. Foram informantes do estudo 20 estudantes do curso de enfermagem de uma universidade pública, situada no interior da Bahia. Os dados foram coletados mediante realização de entrevistas guiadas por roteiro semi – estruturado. A análise foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo temática. Diante dos resultados evidenciou-se vulnerabilidade dos acadêmicos, devido a não adesão ao uso do preservativo, em todas as relações sexuais. O fato merece atenção já que todos destacaram a importância do uso do método na prevenção de IST e/ou da gravidez não planejada. Há de se considerar que, por pertencerem os informantes ao meio acadêmico, onde informações com embasamento científico a respeito da temática fazem parte do currículo, que os mesmos estivessem sensibilizados para exercerem sua sexualidade de forma saudável. Espera-se que os resultados do estudo possam contribuir para sensibilização dos acadêmicos de enfermagem quanto à necessidade da mudança comportamental na prática sexual, no intuito de que doenças sexualmente transmissíveis possam ser evitadas.

Palavras-chave: preservativos, prevenção, dst/aids.

Abstract

The AIDS pandemic has emerged as a serious disease, synonymous of programmed death, prevalent among people belonging to the called "risk group", like the homosexual men and intravenous drug users. Over the years, the profile of those infected has gone through major epidemiological transition, characterized by internalization, juvenização, pauperization, heterosexuality, feminization and blackening. This new hillside led to understanding the incorporation of the term, risk behavior, that was recently replaced by the concept of vulnerability as it incorporates cultural, social, economic and programmatic dimensions, among others. Considering the relevant morbidity and mortality due of the infection, their prevention and control are highlighted in the scope of public health. In this context, we have the use of condoms in all sexual relations, as a fundamental strategy to contain the spread of Sexually Transmitted Infections (STIs) in general. Were objectives of the study: check the university adherence to the use of condoms; compare if there are differences between the adherence to condom use among university enrolled in nursing course from I to IV semesters and students of V to VII semester; identify factors that facilitate and / or make hard the adherence of the university to the use of condoms. The research, has a exploratory character and qualitative nature and was based on the principles of social representations theory. Were informants of the study 20 students of nursing from a public university, located in Bahia. Data were collected through interviews guided by a semi – structured script. The analysis was done using the technique of thematic content analysis. Considering the results, were demonstrated the vulnerability of academics due to non-adherence to condom use in all sexual relations. The fact deserves attention as all highlighted the importance of using the method in the prevention of STIs and / or unplanned pregnancy. Is important to consider that, for belong the informants to the academic environment, where informations with scientific basis about the subject are on the curriculum, that they were sensitized to exercise their sexuality in a healthy way. We hope that the study results may contribute to the awareness of nursing students on the need for behavioral change in sexual practice, in order that Sexually Transmissible Diseases STDs can be avoided.

Key words: condoms, prevention, std / aids.

Introdução

A Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida (Aids), cujo agente etiológico é o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) se manifesta após longo período de incubação. O HIV se caracteriza por pertencer à classe dos retrovírus, família dos lentivírus e por apresentar significativas taxas de morbimortalidade fato que justifica a necessidade da implementação de ações direcionadas a prevenção e ao controle da infecção¹.

Vinte e nove anos após o surgimento do agravo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) a mortalidade pela doença já ocasionou mais de 25 milhões de óbitos em todo o mundo. Estima-se que atualmente, 2,5 milhões de pessoas em todo o planeta estejam infectados pelo HIV.

Os primeiros registros de casos entre homens que faziam sexo com homens (HSH), inicialmente direcionou-se a maior probabilidade de infecção pelo HIV a prática homossexual masculina. Ao se associar a infecção a um determinado estilo de vida, a exemplo dos usuários de drogas injetáveis e homossexuais masculinos, surgiu a noção de “grupo de risco” e a estigmatização do agravo^{2,3}.

Com o passar do tempo percebeu-se que a infecção poderia ser transmitida de diversas formas, a exemplo da transfusão sanguínea, relações heterossexuais e uso de drogas injetáveis. Neste contexto chegou-se a compreensão de não haver mais grupo de risco, e sim comportamento de risco já que outras pessoas que não possuíam os chamados “comportamentos desviantes” passaram a se infectar¹.

Na atualidade a pandemia vem apresentando importantes mudanças no perfil epidemiológico, caracterizando-se pela interiorização, juvenização, heterossexualidade, feminização e aumento entre afro-descentes. Percebemos também uma tendência ao acometimento de indivíduos com menor grau de instrução, que pode ser indicativo da propagação da infecção para os segmentos mais pobres da sociedade, caracterizando a pauperização da epidemia.

O aumento de casos entre pessoas de prática heterossexual implicou em crescimento expressivo da infecção no sexo feminino. Desta forma, a Aids deixou de ser uma doença que atingia determinado segmento sob pressuposto risco, para se disseminar entre a população em geral, surgindo assim o conceito de vulnerabilidade que incorpora as dimensões culturais, sociais, religiosas, políticas, acesso a informações e existência de serviços de saúde levando em conta aspectos individuais, coletivos e contextuais, que podem aumentar a suscetibilidade à infecção pelo HIV/AIDS⁴.

Saldanha afirma que a vulnerabilidade não visa distinguir “....a probabilidade de um individuo qualquer se expor à Aids, mas busca fornecer elementos para avaliar objetivamente as diferentes chances que cada sujeito ou grupo populacional particular tem de se contaminar, dado o conjunto formado por certas características individuais e sociais de seu cotidiano, julgadas relevantes para a maior exposição ou menor chance de proteção diante do problema”⁴.

Sendo assim a vulnerabilidade ao HIV/Aids pode ser descrita como um esforço de produção e difusão de conhecimento, discussões e principalmente

ações sobre as diferentes suscetibilidades individuais e coletivas à infecção, adoecimento e morte pelo HIV.

Com relação ao processo de feminização do agravo sabe-se que este tem apresentado cifras, no âmbito nacional, cuja relação de infecção homem/mulher tende, cada vez mais, a se aproximar. Levantamento estatístico demonstra que no Brasil o número de mulheres que contraíram a doença cresceu nos últimos anos numa proporção maior do que o de homens infectados⁵.

Na cadeia de transmissibilidade a relação heterossexual estável e monogâmica tornou-se, para as mulheres, a principal porta de entrada para o vírus HIV. Uma explicação plausível para o fato consiste na recusa masculina em usar o preservativo com suas parceiras fixas. Por outro lado as mulheres, por estarem numa relação estável acreditam não haver necessidade de se protegerem⁵.

Assim, evidencia-se a necessidade do uso rotineiro dos preservativos. Desta forma, profissionais de saúde e educadores em geral passaram a refletir sobre a importância de incentivar a adesão ao uso dos preservativos, como um importante mecanismo de prevenção e controle do agravo.

Estudo realizado recentemente nos Estados Unidos demonstrou que o correto e sistemático uso de preservativos em todas as relações sexuais apresenta uma eficácia estimada em 90-95% na prevenção da transmissão do HIV. Os autores do estudo sugerem uma relação linear entre a frequência do uso de preservativos e a redução do risco de transmissão⁶.

Os fatores que levam ao baixo uso do preservativo masculino geralmente são a falta de cooperação do parceiro na sua utilização; ter relacionamento estável; não ser promíscuo; conhecer o parceiro e estar em uso de outro método contraceptivo⁷.

Há de se considerar que os jovens são mais vulneráveis ao contágio, por mudarem freqüentemente a parceria sexual, usarem drogas injetáveis, abusarem do uso de álcool e serem resistentes ao uso dos preservativos. O ritmo de crescimento dos casos de Aids entre os jovens é preocupante⁸. No Brasil, 70 % dos casos de Aids se concentram na faixa entre 20 e 39 anos, indicando que as novas infecções pelo HIV acontecem entre os mais jovens⁹. O fato demonstra a urgência em se ampliar na rede pública de ensino, à implementação de ações educativas sobre DST/HIV/Aids, exercício da sexualidade e gravidez não planejada já que muitos dos portadores do HIV são vítimas da desinformação, oriunda do sistema educacional precário e com políticas públicas de prevenção e agravos à saúde insuficientes, principalmente em países de terceiro mundo.

Como agravante temos que, mesmo vivendo em um mundo globalizado, onde as informações e notícias eclodem quase que automaticamente via internet e em outros veículos de comunicação, inúmeros jovens iniciam e mantêm uma vida sexual permeada de dúvidas sobre os preservativos e como exercer sua sexualidade de forma saudável.

Neste sentido é importante que os pais também passem a dialogar com seus filhos sobre estes assuntos visto que, sem essa comunicação, muitos se prendem a conhecimentos empíricos que poderá contribuir para o não uso do preservativo, expondo-os aleatoriamente as situações de risco.

No universo de dúvidas vivenciado pelos jovens chamam atenção “os princípios e diretrizes de diversas instituições religiosas que preconizam aos seus membros a prática sexual sem o preservativo, alicerçada no pressuposto da fidelidade do casal. Esta visão dogmática de que o preservativo interromperia o curso natural da procriação instituído por Deus conturba ainda mais a construção das concepções da juventude, pois, associa o preservativo ao pecado já que o mesmo contraria a ordem divina respaldada em Gênesis 1:28 : “[...] frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra [...]”¹⁰

Desta forma, sensibilizados para esta problemática, optamos por desenvolver este estudo o qual teve como objetivos: verificar a adesão de universitários ao uso do preservativo; comparar se há diferenças entre a adesão ao uso dos preservativos entre universitários matriculados no curso de enfermagem do I ao IV semestres e os discentes do V ao VIII semestre; identificar fatores que facilitam/dificultam a adesão dos universitários ao uso dos preservativos.

O estudo foi norteado pelas seguintes indagações: Existe adesão dos universitários ao uso do preservativo? há diferenças entre a adesão ao uso dos preservativos entre universitários matriculados no curso de enfermagem do 1º ao 4º semestre e os discentes do 5º ao 8º semestre? quais fatores que facilitam/dificultam a adesão dos universitários ao uso dos preservativos?

A relevância do estudo está em possibilitar o aprofundamento do conhecimento sobre a temática e contribuir com a proposição de políticas afirmativas que possam influenciar na sensibilização de jovens a adesão ao uso de preservativos no intuito de prevenirem DST/HIV/Aids, bem como uma gravidez não planejada. Este estudo também tem o intuito de sensibilizar e oferecer aos profissionais de saúde, professores e discentes do curso de enfermagem instrumentos para que possam aperfeiçoar sua prática educativa junto à população.

Metodologia

Trata-se de estudo exploratório e descritivo que teve como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais (TRS), que surgiu em 1961, com o intuito de propor a existência de um pensamento social que resulte das experiências, crenças e das possíveis trocas de informações presentes no cotidiano do indivíduo. Sua adaptação neste estudo é justificada pelo fato de que tal teoria permite a compreensão dos diferentes comportamentos existentes em determinados grupos da sociedade.

De certo, a TRS se baseia em ações metódicas para observar, analisar e compreender fenômenos que são do conhecimento do senso comum¹¹. Neste âmbito, visamos observar as representações do uso de preservativos, para universitários, com o objetivo de entender como eles pensam e de que forma tal pensamento interfere na realidade de disseminação de DST/AIDS.

A investigação no campo das Representações Sociais busca compreender como as pessoas vêem o mundo que as envolvem, buscando entender seus problemas. As representações expõem conflitos, apresentam uma nova compreensão e permitem que discursos diferentes convivam num

mesmo ambiente ⁽¹²⁾. A epidemia da Aids é realidade social que tem sido enfrentada em todos os campos. A Aids, por ser uma doença contemporânea, teve sua história natural construída, concomitantemente, com a contribuição do senso comum e da ciência e, por esta razão, muito se ajusta a ser estudada na construção e evolução da Teoria das Representações Sociais. Isto porque esta teoria toma como princípio serem várias às formas para se conhecer e comunicar os fenômenos da realidade, geradas não só por universos do mundo científico, mas também a partir do senso comum¹.

A técnica adotada na coleta dos dados foi entrevista norteada por roteiro semi-estruturado. A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo¹³.

Os informantes, escolhidos aleatoriamente, foram de 20 discentes do curso de enfermagem de uma universidade pública, localizada no interior da Bahia. Destes 10 estavam (cursando do I ao IV semestres e 10 entre o V ao VIII semestres), de ambos os sexos. A faixa etária variou entre 17 a 31 anos. Ressalta-se que o agrupamento decorreu do fato da disciplina Enfermagem em atenção à saúde coletiva II, cujo conteúdo abrange doenças sexualmente transmissíveis, ser oferecida no V semestre do curso. Isto possibilitou buscar se a aproximação com a temática, no decorrer da disciplina, influenciou na adesão dos jovens ao uso dos preservativos.

Para a análise e interpretação dos dados coletados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo a qual constitui conjunto de técnicas de análise das comunicações que utilizam de procedimentos sistemáticos e objetivos, de descrição de conteúdos das mensagens, para obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens¹⁴.

Na realização desta pesquisa científica foram observadas as regulamentações da Resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que discorre sobre o desenvolvimento de estudos envolvendo seres humanos. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Protocolo n.252/2008). Os informantes foram esclarecidos quanto aos objetivos do estudo, ao tempo em que foi facultada sua participação mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, com garantia de anonimato e sigilo sobre os dados informados, e de que poderá deixar a pesquisa se assim desejar.

Resultados e Discussão

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na realização deste estudo, considerando-se os objetivos propostos.

Com relação à variável sexo notou-se que, embora a inclusão no estudo tenha sido aleatória, houve equilíbrio na distribuição dos informantes, já que 50% da amostra foi composta por pessoas do sexo feminino.

Em relação aos dados sócio-demográficos dos sujeitos observou-se que a maioria tinha entre 17 a 22 anos. Há de se considerar a importância da

variável idade, tendo em vista a transição epidemiológica da infecção pelo HIV, a qual aponta para a juvenização da infecção pelo HIV/Aids.

Quanto à religião observou-se que a maioria se declarou adepta do catolicismo. Os aspectos religiosos em estudos sobre exercício da sexualidade é de fundamental importância devido ao conservadorismo que caracteriza a maioria das religiões, a exemplo da proibição quanto ao uso dos preservativos, fato que pode levar ao não uso do mesmo¹⁵.

Possivelmente, a predominância dos informantes em pertencerem à religião católica, possa estar relacionada a maior flexibilidade em assuntos relacionados ao sexo, pouca assiduidade dos fiéis aos cultos e celebrações, menor monitoramento e acompanhamento dos fiéis e que muitas pessoas que se autodenominam católicas não são efetivamente praticantes da religião⁷.

No que se refere a prática sexual identificou-se que a maioria se declarou heterossexual. Nos últimos anos, os casos registrados de Aids no território nacional, teve a via de infecção heterossexual como a de maior significância, fato que desnuda o mito de que a prática homossexual seja de maior risco¹⁶. O fato é preocupante uma vez que a heterossexualização da epidemia constitui um dos determinantes para a expansão do agravo entre o sexo feminino. Neste contexto, requer considerações às relações de gênero as quais constituem obstáculo para que as mulheres tenham percepção de sua vulnerabilidade a infecção pelo HIV/Aids, dificultando assim, entre outras coisas, a negociação quanto ao uso dos preservativos¹⁷.

Após análise dos dados levantamos duas categorias: 1) Adesão ao uso do Preservativo; 2) Fatores que interferem na adesão ao preservativo)

Categoria 1 – adesão ao uso do preservativo

Diversos estudos apontam que o uso correto do preservativo em todas as relações sexuais interfere na cadeia de transmissibilidade das DST/HIV/Aids, diminuindo o risco de contágio⁶.

Com a pandemia da infecção pelo HIV, tornou-se necessária adoção de medidas que possibilitassem exercer a sexualidade de forma plena e protegida, independentes dos fatores idade ou sexo. Indiscutivelmente, o uso de preservativos, masculinos ou femininos, é o método mais eficaz para a redução do risco de transmissão dos patógenos sexualmente transmissíveis. Contudo, até o final do século XX, o preservativo era pouco usado. Atualmente estudos têm demonstrado maior adesão ao uso do preservativo, na primeira relação sexual, entre pessoas de 16 a 24 anos⁶.

Nesta pesquisa, evidenciou-se que, apesar de todos os informantes terem demonstrado conhecimento quanto à importância do uso rotineiro do preservativo, somente 30% disseram aderir ao uso em todas as relações sexuais. A maioria dos informantes (45%) utiliza às vezes e 25% afirmaram nunca utilizarem por possuírem parceria fixa. Essa realidade pode ser evidenciada nos discursos dos entrevistados.

“Eu acho necessário usar a camisinha sempre, porque do jeito que as coisas estão hoje em dia [...] Não conhecemos as pessoas e não usar o preservativo significa maior risco de DST” (Informante A). “Eu não uso

preservativo porque tenho parceira fixa. Mas, quando dou uma “pulada de cerca” eu uso sim” (Informante B)

No que concerne a vulnerabilidade a aquisição de infecção sexualmente transmissível (IST), dentre aqueles que têm essa percepção, foi explicada pela não utilização do preservativo, por não confiar no parceiro, por existirem doenças transmissíveis assintomáticas e por realizarem sexo oral sem proteção. Ressalta-se que um dos informantes referiu possuir pequeno risco a aquisição dessas infecções na relação sexual, ao tempo em que relatou maior risco se exposto a acidente com objetos pérfuro-cortantes, quando o paciente fonte for portador de Aids. Lamentavelmente, nota-se que esta afirmativa trás a tona a necessidade de dialogar sobre falsas crenças que permeiam o campo da sexualidade.

A confiança no parceiro, principalmente por parte das mulheres, é destacada como uma das razões mais comuns para que se deixe de lado o comportamento preventivo.

É válido lembrar que historicamente, o uso de preservativo esteve associado à prostituição, promiscuidade e relações extraconjugais, restringindo desta forma seu uso entre aquelas pessoas que não possuem este tipo de comportamento²⁰.

Categoria 2 – fatores que interferem na adesão ao preservativo

Com relação à prática que justifica o não uso da camisinha, encontramos diversos fatores que interferem nessa adoção como: necessidade de realizar logo a penetração; dificuldade de manuseio; não dispor do preservativo na hora da relação sexual; diminuição do prazer e da lubrificação; incômodo (pressão do preservativo sobre o pênis); não sensibilização quanto à adesão ao método; parceria fixa; falta de costume; confiança e/ou recusa do parceiro, e uso de outro método contraceptivo.

Embora os métodos profiláticos sejam conhecidos e bastante difundidos na mídia e em diversos meios nas campanhas de publicidade, há uma evidente fragilidade dos jovens, apesar de serem universitários e estarem cursando enfermagem, quanto a adesão ao uso do preservativo. O fato é lamentável visto que existe uma lacuna, entre o conhecimento científico que estes possuem, e a incorporação de comportamentos que proporcionem proteção efetiva no exercício da sexualidade.

Durante as entrevistas identificou-se que a diminuição do prazer atribuído ao uso da camisinha é um fator importante para que esta ação seja negligenciada: *“...a sensibilidade não é a mesma quando se usa o preservativo. Não é tão prazeroso, eu não gosto porque eu sinto que não há tanta lubrificação” (Informante C). “Eu não uso eu acho que é psicológico. [Detesto] ... Só em saber que esta com o preservativo já não é a mesma coisa [...]. No momento que você ta ali com a pessoa, tem que ser por inteiro, a camisinha atrapalha” (Informante D).*

Outra questão levantada foi a recusa em usar proteção, devido à relação de confiança no parceiro, o que se fortifica quando o relacionamento é estável. *“Eu tenho parceria fixa e pelo tempo de namoro, agente acaba adquirindo certa confiança” (Informante E).*

Outro aspecto a ser analisado diante de algumas falas, é a recusa dos homens em usar preservativo. O preservativo é frequentemente recusado pelos homens por alegação de interferência na sensibilidade, na espontaneidade do ato ou da dificuldade de abordar a questão. Há também os que têm medo e vergonha de perder a ereção¹.

Além disso, sabe-se que a solicitação para uso do preservativo, poderá despertar desconfiança quanto a comportamentos desviantes dos parceiros sugerindo a infidelidade, podendo acontecer tanto em relação ao homem quanto a mulher. Contudo, pesquisas revelam que os homens são duas vezes mais propensos a terem uma multiplicidade de parceiros o que inclui também a bissexualidade¹⁶.

*O valor simbólico negativo que o preservativo assume no meio privado/intimo em que ficam a sexualidade e o jogo amoroso. Ele assim exprime "Tanto para ser convencido, como para convencer a usar (ou não usar) preservativo, o contexto tem de ser o da sedução. O silêncio é impossível, é necessário falar, pois a camisinha causa estranhamento, simboliza acusações. Ao mesmo tempo, não é bom interromper o fluxo natural das paixões, racionalizar sobre sentimentos no contexto da vida sexual. Muito discurso sem sedução é um balde de água fria que destrói a possibilidade do jogo amoroso a que todos almejam"*¹⁹.

A infecção pelo HIV/Aids ainda é visto como "doença da rua" ou "doença do outro". Portanto, há pouca discussão sobre o tema entre casais. Isso pode explicar a restrição da adoção de comportamentos preventivos, tornando-os vulneráveis à infecção por HIV²⁰.

Quanto aos fatores que facilitam a adesão ao preservativo, foram citadas a manutenção da saúde, profilaxia de doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada. Relataram também a necessidade da adesão ao preservativo principalmente com parceiros desconhecidos, reforçando a idéia de que a camisinha pode ser deixada de lado se o parceiro for conhecido.

Dentre os informantes que relataram o uso do preservativo, algumas respostas nos parecem interessante analisá-las, sendo estas: *"É importante transar de camisinha para manter minha saúde, não me prejudicar contraindo alguma DST e evitar a gravidez. Pegar uma doença pode prejudicar meu futuro"* (Informante F). *"Quando utilizei o preservativo foi pela necessidade de prevenir contra doenças, porque eram parceiros que conhecia muito bem. Acho que é questão de preocupação, de cuidado com minha saúde e com a saúde do parceiro"* (Informante G).

No entanto, os resultados evidenciaram que nem todos têm o mesmo cuidado. Notamos a ocorrência de vulnerabilidade dos jovens acadêmicos do curso de enfermagem, mesmo pressupondo que estes possuam um nível de conhecimento maior sobre o assunto, evidenciado principalmente por acreditarem que a adesão do preservativo seja necessária somente em algumas relações sexuais.

Alguns estudos correlacionam às lacunas existentes entre o conhecimento acerca da problemática, e a mudança na prática sexual, já que nem sempre o nível de informação sobre a infecção pelo HIV/AIDS leva a compreensão da vulnerabilidade com conseqüente adesão ao uso dos preservativos²¹.

A introdução da idéia de vulnerabilidade à epidemia é pensada sob três planos: o social (condições socioeconômicas, acesso à informação, escolarização, garantia de acesso aos serviços de saúde, garantia de respeito aos direitos humanos, situação sócio-política e cultural da mulher); o individual (comportamentos que possibilitam a infecção pelo HIV ou a nossa capacidade de adotar comportamentos seguros); e o programático ou institucional (programas e atividades voltadas para combater a epidemia)²².

Neste contexto, acreditamos que os acadêmicos dos cursos da área de saúde, possuam maior responsabilidade social quanto à educação continuada sobre o uso do preservativo na comunidade, seja universitária ou não, e que coloquem em prática tal hábito.

Considerações Finais

Os estudos que envolveram os acadêmicos de enfermagem e suas práticas contraceptivas evidenciaram que estes, apesar do acesso a informações vastas acerca das DST's/HIV/Aids, bem como da importância das práticas sexuais protegidas e dos riscos provenientes de relações sexuais desprovidas do uso de preservativos, não colocam este conhecimento em sua prática cotidiana.

No curso de enfermagem da universidade onde os dados foram coletados, compõe a grade curricular a disciplina de saúde coletiva que é lecionada no V semestre. A mesma disponibiliza amplo conteúdo teórico/prático, sobre as Doenças sexualmente transmissíveis, HIV e AIDS. Portanto, teoricamente, os estudantes a partir desse semestre, por terem maior conhecimento científico do assunto, deveriam procurar se proteger mais, fazendo uso dos métodos preventivos no intuito de minimizar a vulnerabilidade em questão. Contudo, mediante os resultados encontrados, percebeu-se que os discentes do V ao VII semestres, não estão colocando em prática os conhecimentos estudados, e que os acadêmicos do I ao IV semestres, que “teoricamente” têm menos conhecimento estão fazendo maior uso da camisinha.

É fato que o preservativo é o contraceptivo de escolha entre os acadêmicos entrevistados, embora a preferência por este esteja ligada a outros fatores, que muitas vezes não é a proteção contra as DST/HIV/Aids. Desta forma, faz-se necessária à implementação de estratégias que permitam a esses jovens graduandos conscientizar-se sobre a importância dessa associação, sem falar da responsabilidade aumentada pela obrigação de disponibilizar esse tipo de informação à população em geral.

Referências Bibliográficas

1. Santos NA. Vulnerabilidade de mulheres interioranas soropositivas a infecção pelo HIV/AIDS [Dissertação]. Salvador; 2007.
2. Veronesi R, Focaccia R. Tratado de Infectologia. 2 ed. Atheneu; São Paulo; 2004.
3. Thuler LCS, Vaz LF. Infecção pelo HIV. Editora JBM;1994.

4. Saldanha AAE, Figueiredo M.A.C, Coutinho M.P.L. Aids: Trajetória e Tendências da Epidemia a Legitimação de um Universo Simbólico. Representação Social e práticas de pesquisa. Universitária, Universidade Federal da Paraíba; 2005.
5. Revista Veja. "Dormindo com o inimigo". São Paulo; Abril; 1998.
6. Ministério da Saúde (Brasil), Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Boletim Epidemiológico de AIDS [periódico na internet]. 2000 [citado em 2009 Mar 28]; 14(1): [aproximadamente 20 p.]. Disponível em <http://www.aids.gov.br/udtv/boletim/_dez99_jun00/sumario_jun00.htm>.
7. Santos ROS. O uso do preservativo nas relações sexuais e a prevenção do HIV/AIDS [Monografia]. Jequié; 2005.
8. Torres GV, Davim RMB, Almeida MCS. Conhecimentos e opiniões de um grupo de adolescentes sobre a prevenção da Aids. Rev Latino Americana de Enfermagem, 1999 abr; 7(2): 41-6.
9. Paiva V, Peres C, Blesa C. Jovens e adolescentes em tempos de Aids, reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. Instituto de Psicologia da USP. 2002; 13(1): 55-78.
10. Silva MOM, Araújo EC. Aceitação e uso dos preservativos por universitários da área de saúde. Universidade Federal de Pernambuco [periódico na internet]. 2007. [acesso em 2009 julho 28];13(1). [aproximadamente 4 p.]. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/enfermagem/article>.
11. Moscovici S. O fenômeno das representações sociais. In: Representações sociais: investigações em psicologia social. 2 ed. Vozes: Petrópolis; 2003.
12. Pavarino RN. Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. São Paulo: Intercom; 2003.
13. Bogdan RC, Biklen SK. Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto; 1994.
14. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
15. Pimentel PL, Silva J, Saldanha AAW. Uso de preservativos e atitudes de estudantes universitários frente ao HIV/AIDS. Entre o saber e o exercício do saber [periódico na internet]. 2000. [citado em 2009 Ago 28]; 13(1). Disponível em: <http://www.aidscongress.net>.
16. Guerreiro I, Ayres J, Hearst JRCM. Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais. São Paulo. Rev. Saúde Pública. 2002 Ago; 36(4): 50-60.
17. Gabriel R, Barbosa DA, Vianna LAC. Perfil epidemiológico dos clientes com HIV/AIDS da unidade ambulatorial de hospital escola de grande porte: município de São Paulo. Rev Latino-Am Enfermagem. 2005; 13(4): 509-13.
18. Unesco. Aids: O que pensam os jovens? Políticas e Práticas Educativas. Brasília: Unesco, Naidis; 2002.
19. Paiva MS, Amância L. Implicações das representações sociais na vulnerabilidade de gênero para sida/aids entre jovens universitários: estudo comparativo Brasil – Portugal. [periódico na internet]. 2004 [citado 2006 Jul 28];13(1) [aproximadamente 21 p.]. Disponível em: www.aidscongress.net/article.php.
20. Maia C, Guilhem D, Freitas D. Vulnerabilidade ao HIV/Aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. Rev Saude Publica. 2008 Abr; 42(2): 242-48.
21. Antunes MC, Camila AP, Vera P, Ron S, Norman H. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo [periódico na internet]. 2002 [citado 2009 Mar 28];36(4) [aproximadamente 8 p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000500013&lng=pt&nrm=isso.

22. Sande D, Victora CL, Ondina F. "A Banalização da AIDS". *Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde*; 1998.

Endereço para correspondência

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Departamento de Saúde
Av. José Moreira Sobrinho, s/n – Jequiezinho
Jequié – Bahia - Brasil
CEP: 45206-190

Recebido em 15/05/2009

Aprovado em 12/12/2009